



HORROR NO ORIENTE MÉDIO



Delegacia de polícia israelense destruída durante batalhas para desalojar militantes em Sderot



Ruínas de edifício no enclave, que está sem luz e e internet. Netanyahu quer tirar todos os cidadãos



Tanques israelenses em rodovia perto do enclave: expectativa de entrada das tropas até amanhã



Militantes do Hamas carregam o corpo de homem de 19 anos morto em confrontos na Cisjordânia

Uma guerra "longa e difícil"

BENJAMIN NETANYAHU SINALIZA QUE A OFENSIVA CONTRA O GRUPO HAMAS NÃO TERÁ UM FIM PRÓXIMO. ESTADOS UNIDOS MANDAM REFORÇO MILITAR, E NÚMERO DE MORTOS NO SEGUNDO DIA DE CONTRA-ATAQUE ULTRAPASSA 1.100

» ISABELLA ALMEIDA E
» RODRIGO CRAVEIRO

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, pediu, no segundo dia após o ataque sem precedentes sofrido pelo Hamas, que seu povo se prepare para uma guerra “longa e difícil”. O resultado parcial das operações que buscam deixar o grupo fundamentalista palestino em “ruínas” sinaliza o momento crítico que enfrenta o Oriente Médio. O último balanço indica ao menos, 1.100 mortes, sendo 700 em Israel e 400 na Faixa de Gaza. Na região do conflito, a noite com um céu iluminado por intensos bombardeios, de mísseis de ambos os lados, foi seguida por um cenário de construções destruídas, corpos espalhados de civis e militares, e pouca esperança, inclusive na comunidade internacional, de que ocorra um cessar-fogo imediato.

Ainda ontem, os Estados Unidos começaram a enviar ajuda militar para Israel e aproximar sua força naval do Mediterrâneo. Em uma chamada com o primeiro-ministro israelense, o presidente Joe Biden anunciou que “haverá ajuda adicional para as forças armadas israelenses, e haverá mais nos próximos dias”, de acordo com um comunicado da Casa Branca. O grupo fundamentalista reagiu, declarando que considera a ajuda estadunidense uma “agressão” contra os palestinos.

A intenção de Netanyahu é remover todos os habitantes das áreas próximas da Faixa de Gaza. Informações de Washington indicam que o Exército israelense deve entrar no enclave palestino até amanhã. Os bombardeios lançados em resposta por Israel contra Gaza causaram 413 mortos — incluindo 78 crianças — e 2.300 feridos, indicou o Ministério da Saúde do enclave palestino.

Um porta-voz do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos anunciou que diversos cidadãos norte-americanos morreram nos ataques do Hamas, sem dar maiores detalhes sobre as vítimas. “Podemos confirmar a morte de vários cidadãos americanos. Estendemos nossas mais profundas condolências às



Missil israelense tenta interceptar foguetes disparados por palestinos de Gaza: noite de bombardeios no segundo dia do confronto

Duas perguntas para

GERALD STEINBERG, professor de ciência política da Universidade Bar Ilan, em Ramat Gan, subúrbio de Tel Aviv

O que é possível esperar dessa guerra instalada no Oriente Médio?

Israel não poderá mais tentar conter o Hamas por meio da dissuasão e de ações militares limitadas. É provável que haja uma entrada em larga escala das Forças

de Defesa de Israel (IDF) na Faixa de Gaza para destruir milhares de foguetes, quilômetros de túneis de terror e outras infraestruturas de guerra. Quando essa fase terminar, haverá uma situação diferente em relação ao controle da Faixa de Gaza, e todas as

discussões sobre a criação de um Estado palestino serão encerradas.

Acredita que pessoas sequestradas pelo Hamas poderão ser utilizadas como moeda de troca?

É impossível imaginar qualquer governo israelense libertando

terroristas palestinos por meio de negociações, pois isso incentivaria uma repetição do massacre de sábado. Israel está tentando diferentes táticas, incluindo ataques à liderança do Hamas para forçar a libertação dos reféns. Se essa tática falhar, outras serão tentadas.

Steinberg, professor de ciência política da Universidade Bar Ilan, em Ramat Gan, subúrbio de Tel Aviv, não acredita que Netanyahu vá ceder a uma possível pressão do Hamas. “É impossível imaginar qualquer governo israelense libertando terroristas palestinos por meio de negociações, pois isso incentivaria uma repetição do massacre de sábado”, justifica (Leia Duas perguntas para).

Alguns dos sequestrados estavam no festival Universo Paralello, no Deserto de Negev, no sul do país, perto da Faixa de Gaza. Também no local, segundo o grupo voluntário de resgate Zaka, foram encontrados mais de 260 corpos. As pessoas estavam na rave — incluindo brasileiros — quando foram surpreendidas por integrantes armados do grupo fundamentalista chegando por terra e pelo ar.

Muitos israelenses, em busca de familiares desaparecidos, disseram tê-los visto em vídeos que circulam nas redes sociais. Yifat Zailer, de 37 anos, contou que foi assim que ela reconheceu uma prima e os filhos dela, de 9 meses e 3 anos, supostamente capturados pelo Hamas. “É a única confirmação que temos” sobre eles, disse ela, por telefone, à agência France-Presse de notícias (AFP).

Segundo o governo israelense, o Hamas capturou “mais de 100” pessoas, as tornando “prisioneiras”. Foram enviadas dezenas de milhares de soldados com a missão de libertar reféns e “matar cada terrorista presente” em seu território, disse o porta-voz do Exército, Daniel Hagari.

Durante a cerimônia do Angelus, o papa Francisco pediu a interrupção dos ataques porque “o terrorismo e a guerra não levam a nenhuma solução, apenas à morte e ao sofrimento de tantas pessoas inocentes”. “Parem os ataques (...) o terrorismo e a guerra não levam a solução nenhuma”, seguiu. O pontífice disse, ainda, que acompanha “com apreensão e dor” o que está acontecendo em Israel. “Transmito a minha proximidade às famílias das vítimas”, disse o papa, sem citar o grupo Hamas.

vítimas e às famílias de todos os afetados”, afirmou. Há ainda a suspeita de que estadunidenses e alemães — muitos com dupla cidadania israelense — tenham sido sequestrados durante a operação que deflagrou a guerra.

Consequências regionais

Na avaliação de Késsio Lemos, doutor em relações internacionais

pelo Programa San Tiago Dantas, o ataque do Hamas e a retaliação israelense podem ter uma série de consequências regionais. “O primeiro impacto seria uma tentativa de desconstruir ou de reverter processos de integração regional que a diplomacia israelense tem trabalhado nos últimos anos. Os acordos de Abraão, a tentativa dos Estados Unidos de intermediar uma normalização das relações entre Irã

e Arábia Saudita, tudo isso a partir desse conflito é posto em xeque.”

Segundo o especialista em ciência política, o ataque do Hamas pode ter tido como propósito atrair uma reação furiosa do governo israelense. “Assim, o Irã pode instrumentalizar a destruição e as mortes que, certamente, estão ocorrendo na Faixa de Gaza para mobilizar a opinião pública do mundo árabe e sensibilizá-lo

contra Israel. Isso poderia ser utilizado contra os governos da Arábia Saudita, contra os governos dos Emirados Árabes Unidos, para que revejam a sua aproximação política com Israel”, analisa.

Reféns

O sequestro de militares e civis também é um ponto que desperta preocupação internacional. Gerald

“O medo nunca nos deixa”

Uma das estratégias de Israel para enfraquecer os homens do Hamas foi a suspensão do fornecimento de eletricidade, comida e outros produtos básicos na Faixa de Gaza. Moradores de áreas próximas ao enclave palestino também foram prejudicados e contam que soma-se à falta de telefonia, internet ou eletricidade o medo de

ser ainda mais atingido pela escalada da violência na região.

“Desde a manhã de sábado, após a invasão e massacre do Hamas em Sderot, estamos trancados em nossas casas. Mesmo agora (tarde de ontem), 38 horas após o início, há suspeita de que mais terroristas tenham chegado na última hora. Então, há uma

grande tensão. Não queremos ser assassinados ou sequestrados”, disse, ao **Correio**, Dov Trachtman.

O relações públicas de 32 anos contou que tem recebido nome de pessoas mortas no conflito. “Desmobi que um amigo meu foi assassinado enquanto andava de bicicleta. As pessoas achavam que eu estava ferido. Pelo menos duas

entraram em contato com a polícia para verificar o meu estado. Felizmente, até agora, estou vivo e entrei em contato com a maioria das pessoas que consegui.”

Chaim Smierc, social media de 23 anos, está em Ashkelon, a 21km de Gaza, com luz e acesso à internet. Ainda assim, disse à reportagem que o medo é constante.

“Acordei às 6h30 de sábado com o som de explosões acima da minha cabeça. Nunca vi tanta fumaça vinda de vários locais nessa cidade. Já vivi várias operações e escaladas vindas de Gaza. Esta tem sido uma das mais assustadoras. Não é normal viver em tais situações. Podemos nos acostumar a lidar com isso o tempo todo,

mas o medo nunca nos deixa.”

Durante a entrevista, na noite de ontem, Smierc mandou vídeos de novos bombardeios próximos ao local em que ele se abrigava. “Não sei o que será feito, o futuro ainda está incerto. O que está claro é que estamos enfrentando uma guerra e não uma pequena operação de alguns dias.” (IA)